



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA  
TECNOLOGIA EM GESTÃO DE COOPERATIVAS

ANA CASSIA DOS SANTOS SILVA

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS ACERCA DOS DESAFIOS DAS MÃES  
UNIVERSITÁRIAS DOS CURSOS DE GESTÃO - UFT**

ARAGUAÍNA-TO

2019



ANA CASSIA DOS SANTOS SILVA

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS ACERCA DOS DESAFIOS DAS MÃES-  
UNIVERSITÁRIAS DOS CURSOS DE GESTÃO - UFT**

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado ao Curso de Tecnologia em Gestão de Cooperativas da Universidade Federal do Tocantins, como requisito parcial para obtenção do grau de Tecnólogo em Gestão de Cooperativas.

Orientador: Prof. Msc. Bruno Costa da Fonseca

ARAGUAÍNA

2019



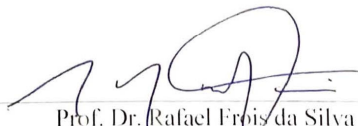
**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS ACERCA DOS DESAFIOS DAS MÃES  
UNIVERSITÁRIAS DOS CURSOS DE GESTÃO - UFTM**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Aprovada em 26/11/2019

BANCA EXAMINADORA:

  
Prof. Msc. Bruno Costa da Fonseca (orientador)

Prof. Dr.<sup>a</sup> Roseni Aparecida de Moura

  
Prof. Dr. Rafael Frois da Silva

ARAGUAÍNA  
2019

# FICHA CATALOGRÁFICA DA BIBLIOTECA

---

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

---

D724r Dos Santos silva, Ana Cassia .  
Representações sociais acerca dos desafios das mães universitárias dos cursos de gestão da UFT . / Ana Cassia Dos Santos silva. – Araguaína, TO, 2019.  
32 f.

Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Gestão de Cooperativas, 2019.  
Orientador: Bruno Costa da Fonseca

1. Representações sociais: significados e concepções . 2. Desigualdade de gênero e o desafios das mulheres no contexto contemporâneo . 3. Mães universitária e as dificuldades em se formar . 4. Representações das mães-universitária dos cursos de gestão da UFT . I. Título

**CDD 334**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, em primeiro lugar, que sempre me conduziu com as devidas lições de amor, fraternidade e compaixão, hoje e sempre.

A meus pais Valderi Pereira da Silva e Cicera az dos Santos Silva, que sempre estiveram ao meu lado nas horas mais difíceis e felizes da minha vida.

A meu alicerce, minha filha Ana Julia dos Santos Silva Cardoso, que esteve presente desde o primeiro dia que estive em sala de aula, que me deu força e determinação para concluir este curso.

As minhas irmãs, Jackeline Lorrane dos Santos Silva e Erika Caroline dos Santos Silva, minhas companheiras de vida.

Agradeço ao prezado e querido orientador Bruno Costa da Fonseca pela dedicação, compreensão e amizade.

## RESUMO

Este trabalho buscou analisar os desafios enfrentados pelas mães-universitárias, em especial as que cursam os cursos de gestão da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Nesse sentido, através da teoria das representações sociais intentou-se verificar a compreensão de mundo das mães-universitárias, sobretudo no que concerne as dificuldades, os preconceitos e os desafios de desempenhar tais papéis em nossa sociedade. Foi preciso, portanto, evidenciar alguns pressupostos teóricos de temas como desigualdade de gênero e feminismo, retratando o lugar da mulher historicamente e nos dias atuais. No que se refere à abordagem, esta pesquisa se configura como qualitativa e exploratória, tendo como procedimentos de coletas de dados a pesquisa bibliográfica e entrevistas abertas com mães-universitárias dos cursos de gestão da UFT. Destacam-se nos resultados as representações em relação às “adversidades e dificuldades de ser mãe-universitária”; “da figura paterna” e suas [falta de] responsabilidades durante o processo; o “medo e o preconceito” vivenciado dentro do ambiente universitário e, sobretudo, dentro da sala de aula; a “dependência financeira” após se ver diante da necessidade de criar um filho(a) e; o “apoio/ausência familiar” como pilar importante durante o período universitário. Outrossim, a carência de assistência universitária aguçou as adversidades sofridas, assim como uma jornada exaustiva que impossibilita a conclusão em condições regulares do ensino superior.

**Palavras-Chave:** Representações Sociais; Mães; Gestão; Estudantes; Universidade.

## ABSTRACT

This paper aimed to analyze the challenges faced by university mothers, especially those attending the management courses of the Federal University of Tocantins (UFT). In this sense, through the theory of social representations it tried to verify the understanding of the world of the university mothers, especially regarding the difficulties, the prejudices and the challenges of playing such roles in our society. Therefore, it was necessary to highlight some theoretical assumptions on themes such as gender inequality and feminism, portraying the place of women historically and today. Regarding the approach, this research is qualitative and exploratory, having as procedures of data collection the bibliographic research and open interviews with university mothers of UFT management courses. The results highlight the representations regarding the “adversities and difficulties of being a university mother”; “Father figure” and his [lack of] responsibilities during the process; the “fear and prejudice” experienced within the university environment and, above all, within the classroom; “financial dependence” after facing the need to raise a child and; “family support / absence” as an important pillar during the university period. Moreover, the lack of university assistance has sharpened the hardships suffered, as well as an exhausting journey that makes it impossible to complete higher education regularly.

**Keywords:** Social Representations; Mothers; Management; Students; University.

## **LISTA DE SIGLAS**

FGV - Fundação Getúlio Vargas

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ONU - Organização das Nações Unidas

UFT - Universidade Federal do Tocantins

REUNI - Reestruturação e Expansão das Universidades Federais



## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. METODOLOGIA.....	11
3. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: SIGNIFICADOS E CONCEPÇÕES.....	13
4. DESIGUALDADE DE GÊNERO E O DESAFIO DAS MULHERES NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO.....	16
5. MÃES UNIVERSITÁRIAS E AS DIFICULDADES EM SE FORMAR.....	20
6. REPRESENTAÇÕES DAS MÃES-UNIVERSITÁRIAS DOS CURSOS DE GESTÃO DA UFT.....	23
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	30

## 1. INTRODUÇÃO

Atualmente as mulheres vêm buscando cada vez mais oportunidades para adquirir novos conhecimentos em relação a uma formação mais adequada, com o propósito de crescer no mercado de trabalho e na vida pessoal. Porém, a necessidade de buscar conhecimento, adquirir uma profissão e se inserir no mercado de trabalho também aumentam exponencialmente. Neste contexto, as mulheres vêm enfrentando um conjunto de desafios para se formarem, incidindo em inúmeros obstáculos a serem vencidos durante a trajetória universitária. Gravidez inesperada, abandono dos companheiros, dupla jornada de trabalho, falta de apoio familiar, estão entre alguns dos problemas enfrentados.

A realidade de mães universitárias que muitas vezes são obrigadas a levarem seus filhos para dentro de uma sala de aula é algo cada vez mais recorrente, pois, além de outros entraves, frequentemente não tem com quem deixar os filhos. Além disso, muitas das vezes por serem mães solteiras, batalhar para sustentar os filhos e manter a casa agrava ainda mais o problema, sobretudo, porque as universidades não oferecem suporte para estas mães, resultando no trancamento e evasão por completo das universidades. A falta de políticas estudantis na universidade pública voltadas para as mães universitárias tem inviabilizado o sonho (e a necessidade) de se formar de muitas delas.

De acordo com dados fornecidos pelo IBGE (2017), 4,3% das mulheres com faixa etária entre 15 e 29 anos, não havia concluído o ensino superior e nem frequentava escola, curso, universidade ou qualquer outra instituição regular de ensino em 2017, por motivos de gravidez, problemas de saúde, deficiência física ou mental.

Os dados se tornam mais alarmantes quando verificamos os números referentes à categoria “cuida dos afazeres domésticos ou de criança, adolescente, idoso ou pessoa com deficiência”, isto é, 24,2% deixam de estudar devido a ter que cumprir com seu papel de mãe, tal como estigmatizado em nossa sociedade. Por outro lado, apenas 0,7% dos homens não estudam pelo mesmo motivo, retratando uma realidade discrepante.

Conforme dados do IBGE (2016) as mulheres trabalham cerca de 28,2% em ocupações por tempo parcial (até 30 horas semanais), enquanto os homens em apenas 14,1%. Esses dados emergem de acordo com o aumento de mulheres no mercado de trabalho que necessitam conciliar o emprego com os afazeres domésticos e seu papel de mãe, precisando de uma jornada de trabalho mais flexível.

A partir da contextualização apresentada, delimitaram-se os seguintes problemas de pesquisa: Quais os desafios enfrentados pelas estudantes-mães durante o período de estudos em uma universidade pública federal? Quais as políticas de assistência estudantil e apoio oferecido pelas universidades, em especial, a Universidade Federal do Tocantins? Tendo em vista responder tal questionamento o trabalho teve por objetivo geral: verificar as representações sociais a partir dos desafios enfrentados pelas mães-universitárias dos cursos de gestão da UFT. Em outras palavras, objetivou-se analisar os

significados e concepções de mundo construída pelas mulheres que viveram o processo de maternidade durante o período universitário.

Para tanto, foram delineados os seguintes objetivos específicos: a) descrever as representações, significados e concepções a partir do imaginário de um grupo específico de mulheres; b) discutir a desigualdade de gênero como um desafio das mulheres no contexto contemporâneo e; c) compreender a percepção das mães-universitárias no que tange as dificuldades e perspectivas de se formar em um curso de nível superior.

Este tema de pesquisa possui como justificativa e motivação pessoal as próprias adversidades vividas pela autora em se formar, sendo mulher e mãe-universitária. Ao longo da trajetória acadêmica os desafios que se colocaram entre o desejo de se ter um curso superior e findar todas as disciplinas do curso de Gestão de Cooperativas despertou o interesse por investigar a realidade de outras mulheres na mesma situação. Transformar um anseio que partiu do senso comum em uma pesquisa científica possibilitou verificar uma realidade cada vez mais comum no norte do país e que cada vez mais cresce no país.

## 2. METODOLOGIA

De acordo com a abordagem escolhida esta pesquisa pode ser considerada como qualitativa, pois trabalha com atribuições de significados e interpretação de uma dada realidade, a saber: relação de gênero e a dificuldade de mães se formarem em uma universidade pública. Na pesquisa qualitativa buscam-se, a priori, fatores intrínsecos, detalhados e subjetivos de um determinado fenômeno. De forma mais específica, para Gildermeister (2004), a pesquisa feminista e o estudo de gênero, proporcionaram avanços fundamentais ao desenvolvimento das problemáticas e da metodologia da pesquisa qualitativa. Do mesmo modo, no que competem aos estudos de representações sociais, os significados e compreensão de mundo por um pequeno grupo só é possível através de uma interpretação qualitativa dos dados.

No que se refere aos objetivos esta pesquisa pode ser classificada como exploratória, já que tem como finalidade proporcionar uma maior familiaridade com o problema proposto. De acordo com Marconi e Lakatos (2003, p. 188) as pesquisas exploratórias são “[...] investigações de pesquisa empírica cujo objetivo é a formulação de questões ou de um problema, com tripla finalidade [...]”, a saber, criar hipóteses, aproximar o pesquisador de um fato ou fenômeno e clarificar conceitos e teorias sobre o tema proposto. Na maioria dos casos, essas pesquisas envolvem: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que estimulem a compreensão do fenômeno (SELLTIZ *et al.*, 1967 apud GIL, 2002).

Como principais métodos de coleta de dados foram utilizados a pesquisa bibliográfica e a entrevista aberta. A primeira consiste em uma pesquisa desenvolvida com base em materiais já elaborados, constituídos principalmente de livros e artigos científicos. Uma das vantagens do método é que permite que o pesquisador investigue uma quantidade de materiais muito maior em um espaço de tempo relativamente pequeno, tendo em vista o acesso contínuo a materiais na internet. Possibilita, igualmente, compreender os aspectos teóricos que tangenciam a temática proposta.

Já as entrevistas são uma forma de interação social, onde uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação. Sendo essa uma das técnicas mais utilizadas na ciência social, quase todos profissionais que tratam de problemas humanos se valem desta técnica. Através de uma perspectiva exploratória, as entrevistas não são usadas apenas para coleta de dados, mas também para diagnósticos e orientação de uma pesquisa futura. Especialmente neste trabalho optou-se pela entrevista aberta, pois proporciona ao investigador, amparado por roteiro, explorar mais amplamente uma questão e as perguntas são respondidas dentro de um diálogo informal, não estruturado. Ademais, é utilizada geralmente na descrição de casos individuais e na compreensão de especificidades culturais de determinados grupos (MINAYO, 1993).

Com o auxílio de um gravador, foram entrevistadas 08 estudantes no segundo semestre de 2019, com idade entre 21 a 36 anos, de vários períodos dos cursos de Gestão; da Universidade Federal do Tocantins (UFT) <sup>1</sup>, Campus Araguaína (TO). A

---

escolha do número de entrevistadas se deu a partir da disponibilidade de participação na pesquisa das alunas-mães dos cursos de gestão, além do fechamento amostral pela saturação dos dados, tendo em vista uma pesquisa de cunho qualitativa. Cabe ressaltar que todas as entrevistadas nessa pesquisa já possuíam pelo menos 01 filho com mais de um ano de nascido, além de já terem cursado pelo menos metade dos períodos de um dos cursos de gestão.

As entrevistas ocorreram da seguinte maneira: cinco no campus universitário, uma na residência da entrevistada, uma no trabalho da entrevistada e uma em uma praça pública. Além disso, três alunas tiveram que conceder a entrevista na presença do filho, visto que não tinham com quem deixar a criança naquele momento, sobretudo as que não moravam na cidade de Araguaína e não tinham parentes próximos da cidade. Das entrevistadas apenas uma é casada, vive com o marido e o filho. Outras duas vivem em união estável com o pai da criança. Já as demais - totalizando cinco - são solteiras, com os pais participando em momentos esporádicos da criação dos filhos. Além disso, entre as entrevistadas três tiveram os filhos antes de iniciar a graduação e duas delas engravidaram no decorrer do curso, pelo menos uma vez. Ao ingressar no curso, cinco das entrevistadas ficaram grávidas e duas delas já tiveram o segundo filho durante o curso.

Por fim, no que concerne análise dos dados utilizou-se da categorização das falas em temas que se repetiram ao longo das entrevistas. Primeiro, foi realizada a transcrição na íntegra das entrevistas. Após uma análise prévia das repostas retirou-se pequenas frases que resumiam as respostas, pergunta por pergunta, totalizando 91 “recortes”. Posteriormente, esses “recortes” foram agrupados em representações coletivas que evidenciaram cinco tipos de representações principais, a saber: “adversidades e dificuldades de ser mãe-universitária”, “representação da figura paterna”, “medo e preconceito” vivenciado dentro do ambiente universitário, “dependência financeira” e suas consequências e o “apoio/ausência familiar”.

---

<sup>1</sup> A Universidade Federal do Tocantins (UFT), campus Araguaína, possui três cursos na área de gestão criados em 2009 pela Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), a saber: os cursos Tecnólogo em Gestão de Cooperativas, Tecnólogo em Logística e Tecnólogo em Gestão de Turismo.

### 3. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: SIGNIFICADOS E CONCEPÇÕES

Nos últimos tempos o conceito de representações sociais tem aparecido com muita frequência em trabalhos das mais diversas áreas, este conceito, apesar de percorrer pelas ciências humanas, não está atrelada apenas a uma disciplina em particular, tem raízes na sociologia, presença na antropologia e recorrentemente está presente nas disciplinas da mentalidade, tal como na psicologia social.

Inicialmente com a ideia de representações coletivas nos estudos de Durkheim surge o conceito das representações coletivas que para o autor significava formas de integração social utilizada pelos indivíduos com o intento de buscar coesão grupal. Assim sendo, tais representações poderiam ser expressas por regras, instituições, rituais e imagens que colocavam em voga uma realidade paralela vivida pelos indivíduos cotidianamente (ALEXANDRE, 2004; ALVES, 2006).

Posteriormente, o conceito sofre um conjunto de adaptações, sendo apropriado, sobretudo, pela psicologia social e tem nos estudos de autores como Sérgio Moscovici e Denise Jodelet seu principal aperfeiçoamento em relação à teoria de representação social. Para Jodelet (2001) as representações sociais se diferenciam do conhecimento científico tradicional, porque valoriza o senso comum, uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, com objetivo prático, e que contribui para construção de uma realidade comum de um conjunto social.

A autora afirma, ademais, que a representação social tem cinco características - tendo em vista que a representação é sempre vinculada a um objeto: a) tem sempre um caráter imagético, e a b) propriedade de deixar intercambiável a sensação e a ideia, a percepção e o conceito; c) tem um caráter simbólico e significativo; d) tem um caráter construtivo; e por fim, e) tem um caráter autônomo e criativo.

Neste sentido, a autora ainda declara que a reabilitação do conceito de representação social possui uma necessidade de obter retorno sobre as ideias do sujeito ativo e pensante (JODELET, 2009). Assim podemos compreender que o sujeito possui a capacidade de se relacionar com as cinco características.

Moscovici (1995), por sua vez, traz no conceito sobre as obras de Durkheim e Levi Brhuh, de que a representação social ou coletiva é um fenômeno psicossocial que nasceu na sociologia clássica e na antropologia. Porém a psicologia social contribuiu substancialmente para a reformulação do conceito, possibilitando um novo olhar sobre os indivíduos e sobre as suas interações sociais.

Ao reconhecer que Durkheim, trouxe a representação coletiva, de forma mais metodológica, e compreendendo que o objetivo do mundo, em se introduzir percepções referentes ao sujeito pensante, de forma mais igualitária, pelo pressuposto estudo feito, por Moscovici, que deu início a uma longa jornada de pesquisa. Moscovici reconhece que o conceito de representação chegou até à psicologia social oriunda dos pressupostos teóricos de Durkheim, assim, a representação social tem como objetivo compreender o sentido do mundo e introduzir nele ordem e percepções, que reproduzam o mundo de uma forma significativa para os grupos coletivos envolvidos (MOSCOVICI, 2010).

No momento em que o teórico reconheceu as visões de Durkheim, em relação a psicologia social, ele contribuiu para dar início a várias pesquisas, referente as representações sociais, fomentando vários outros teóricos, a pesquisarem, que também pode ser reconhecida pela forma de interpretar o cotidiano.

No entanto, Sêga (2000, p. 128) propõe uma definição bastante operacional do conceito: “[...] As representações sociais se apresentam como maneira de interpretar e pensar a realidade cotidiana, uma forma de conhecimento da atividade mental desenvolvida pelos indivíduos e pelos grupos e comunicações que lhes concernem”.

Nessa perspectiva é possível compreender a teoria das representações sociais enquanto possibilidade de analisar o comportamento humano enquanto, fruto de uma materialização do pensamento coletivo. Assim, para Moscovici (1978, p. 181) as representações sociais podem ser definidas como “[...] um conjunto de conceitos, proposições e explicações originados na vida cotidiana no curso das comunicações interpessoais”.

Chegando a uma conclusão em relação à representação social, o teórico fala sobre a forma de vivência do dia, com um cotidiano cheio de variações e momentos, abrindo oportunidades para outros teóricos fazerem outras pesquisas mais amplas e subjetivas, para poderem tentar entender como as comunicações são dadas.

Existem, portanto, diferentes formas de se conhecer e de se comunicar, guiadas por objetivos diferentes: a consensual e a científica, cada uma gerando seu próprio universo de significados (ARRUDA, 2002). Se os objetivos são diferentes, e cada um gerar o seu, fica fácil compreender que os processos são divididos no raciocínio, definindo que a objetivação e a ancoragem vêm conceituar a pesquisa de forma mais profunda.

Moscovici afirma que são dois os processos que geram as representações sociais: Ancoragem e Objetivação. Ancorar significa “[...] classificar e dar nome a alguma coisa. Coisas que não são classificadas e que não possuem nome são estranhas, não existentes e ao mesmo tempo ameaçadoras” (MOSCOVICI, 2010, p. 23). A ancoragem tem o papel de qualificar e tornar comum ao sujeito algo que lhe pareça exótico. O segundo processo de formação das representações sociais, denominado por Moscovici de objetivação, intenta objetivar a ancoragem, ou seja, expor o conhecimento absorvido pelos sujeitos.

Neste sentido, Moscovici descreve que a “[...] objetivação transforma algo abstrato em algo quase concreto, transmite o que está na mente em algo que exista no mundo físico” (MOSCOVICI, 2010, p. 20). Como se pode observar, a objetivação é algo que faz o verdadeiro sentido de concretizar tudo que pode ser repassado da mente para a realidade, mas muitas críticas foram surgindo.

Destarte, a teoria das representações sociais se estende da apropriação da realidade exterior ao pensamento e elaboração psicológica e social da realidade, porém, em virtude da complexidade e da vastidão de estudos sobre o tema a teoria das representações sociais (apropriada principalmente por Moscovici) vem recebendo diversas críticas, sobretudo por não haver um consenso quanto a sua definição, o que dificulta, até certo ponto, a operacionalização do conceito.

As concepções de Moscovici vieram, portanto, para recuperar a teoria das representações sociais, pois seus estudos foram desenvolvidos de forma clara e coerente e se apresenta com a concepção tradicional da psicologia social, dando a ele uma grande oportunidade de conhecimento, pois representação social é algo real, vivido e vivenciado pelo sujeito. Contudo, o fato de as representações serem “quase tangíveis” em nosso universo cotidiano (MOSCOVICI, 1978, p.41) não significa que seja fácil de compreender, pois requer muito mais de dedicação, pois é um acontecimento bem enigmático, de religião, comportamentos, princípios, opiniões e visões.



#### 4. **DESIGUALDADE DE GÊNERO E O DESAFIO DAS MULHERES NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO**

Os desafios pautados na desigualdade de gênero enfrentados pelas mulheres vêm de longa data. A luta pela liberdade, cidadania, fim da violência, pela conquista de seus direitos, entre outras, deu a elas uma data-homenagem. Oficializada em 1975, pela Organização das Nações Unidas (ONU), o dia 8 de março ficou conhecido como o Dia Internacional das Mulheres, em decorrência de um dos maiores atos de braveza em plena Revolução Industrial: Inseridas no movimento socialista, ao lutarem contra uma jornada de trabalho exorbitante e extremamente cansativa, por requerer direitos à maternidade, centenas de operárias – exatamente, 125 mulheres – foram queimadas em uma fábrica têxtil em Nova York por policiais. (BRASIL ESCOLA, 2019).

Apesar de ainda existirem grandes desafios na luta contra a desigualdade, as mulheres continuam seguindo em busca dos seus direitos. Hoje em dia, mulheres de todo o mundo tem conquistado muitos direitos, sendo reconhecidas como transformadoras da sociedade, marcadas pela sua força, liberdade e independência. Reconhecidas no desenvolvimento, na cultura, na política e no social. Contudo, no ambiente familiar, ainda tem sido muitas vezes ameaçadas ou agredidas por seus parceiros, humilhadas e maltratadas. Por consequência das inúmeras agressões vividas pelas mulheres foi criada na Conferência Mundial de Pequim (1995), pelo Governo Brasileiro, a “Lei Maria da Penha” que veio ajudar a defender a dignidade da mulher, alcançando, até então, a sombria realidade da violência doméstica, incidindo em penalidades mais rigorosas aos seus agressores (ONU MULHERES, 2019).

Dessa forma, a ideia de gênero consiste em um conceito relativamente novo que historicamente se coloca como fruto do movimento feminista, no entanto, as relações de gênero em si são tão antigas que se confundem com o próprio início da existência humana. Por consequência, a desigualdade de gênero está muito presente em nossa sociedade e, nesse sentido, gênero vai muito além das características do corpo e do sexo biológico ou da fixação de termos como: masculino e feminino ou heterossexualidade.

De acordo com o Dicionário Online de Português (2019, n.p.) gênero significa a diferença “[...] entre homens e mulheres que, construída socialmente, pode variar segundo a cultura, determinando o papel social atribuído ao homem e à mulher e às suas identidades sexuais”. Esta definição no dicionário se difere de outras, tal como a biologia, que vincula a um grupo de classificação de seres vivos ou da gramática que se baseia na diferenciação entre masculino, feminino e neutro.

No senso comum, as condutas de homens e de mulheres estão visíveis nos corpos a reboque de uma perspectiva biológica. Nesta linha é comum encontrarmos explicações sobre o comportamento de homens e mulheres fundamentadas nos hormônios, por exemplo. Assim sendo, os homens, por conta do excesso de testosterona, estariam mais propensos a agressividade, a violência e teriam mais força. Por outro lado, as mulheres, por conta do estrogênio, estariam mais propensas ao sentimentalismo e as emoções.

Nesse sentido, a teórica Simone de Beauvoir afirma que “[...] a gente não nasce mulher, torna-se mulher”. Outra autora que traz esse problema teórico em um de seus livros: “Problema de gênero e o conceito da mulher” é Judith Butler. A autora afirma que gênero foi um conceito pouco problematizado no feminismo, tratado como uma classe grupal com a ideia de retratar proveitos das mulheres. Em sua visão, a estimativa de universalidade e convergência dos interesses das mulheres, embora tenha cumprido um papel importante na promoção de sua visibilidade política, oculta as disputas e assimetrias entre as próprias mulheres (BUTLER, 2003, p. 17-18).

Ao explorarmos a ideia de desigualdade de gênero é preciso evidenciar como que a sociedade relaciona seu caráter social, de que maneira confronta certos temas, como por exemplo, o gênero feminino: que desde criança são estimuladas a serem displicentes, frágeis e sensíveis. Mormente, são motivadas a serem submissas aos meninos/marido; sua sexualidade é denotada a procriação; no trabalho seus salários são menores pelo fato de poderem engravidar e passarem por um período de licença. Butler (2003) retrata que o gênero feminino é um problema central para a política feminista:

O sujeito é uma questão crucial para a política, e particularmente para a política feminista, pois os sujeitos são invariavelmente produzidos por via de práticas de exclusão que "aparecem", uma vez estabelecidas a estrutura jurídica da política. Em outras palavras, a construção política do sujeito procede vinculada a certos objetivos de legitimação e exclusão, e essas operações políticas são efetivamente ocultas e naturalizadas por uma análise política que toma as estruturas jurídicas como seu fundamento. O poder jurídico "produz" inevitavelmente o que alega meramente representar; conseqüentemente, a política tem de se preocupar com essa função dual do poder: política e produtiva (BUTLER, 2003, p. 19).

No livro “Feminismo como Crítica da Modernidade”, Benhabid e Cornell (1991) - junto com outras teóricas feministas como Judith Butler e Nancy Fraser - trabalharam para estabelecer a insuficiência do aspecto da autonomia da mulher. As autoras identificam que:

É a própria constituição de uma esfera de discurso que bane a mulher da História empurrando-a para o domínio da natureza, da luz do público para o interior da casa, do efeito civilizador da cultura para o repetitivo faro de nutrir e reproduzir. A esfera pública, a esfera da justiça, dá-se na Historicidade, ao passo que a esfera privada, a esfera do cuidado e da intimidade é imutável e indeterminável. (...) A desautorização do domínio. Privado significa que, enquanto o ego masculino celebra sua passagem da Natureza para a cultura, do conflito para o consenso, as mulheres permanecem num universo interminável, condenadas a repetir os ciclos da Vida (BENHABID; CORNELL, 1991, p. 96).

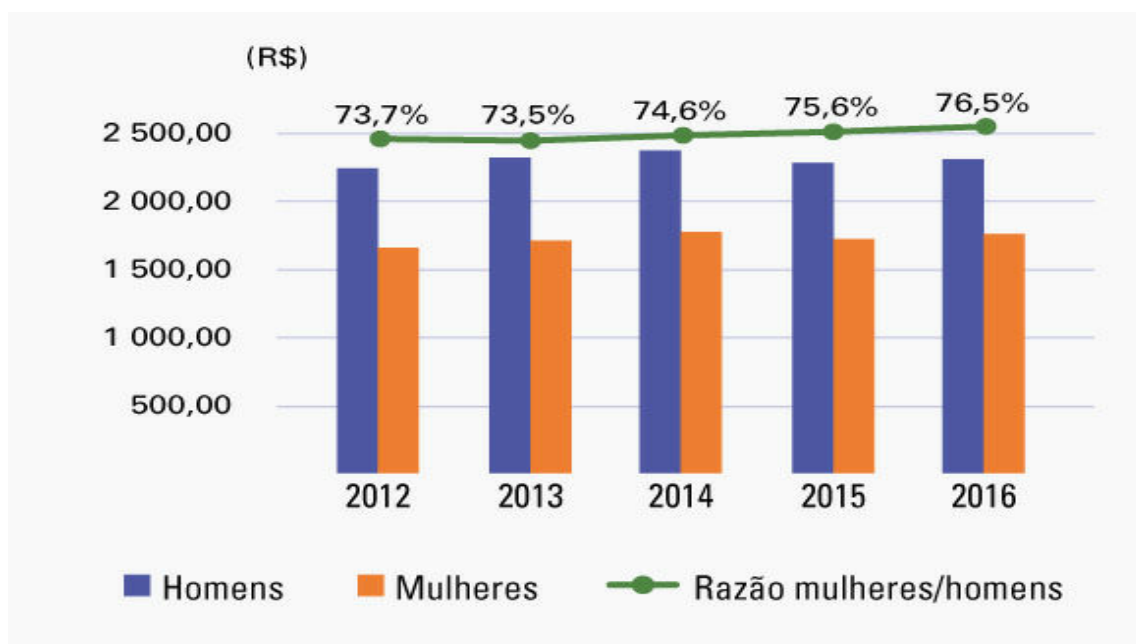
Ainda que Butler acredite que gênero é algo que venha de dentro para fora, sendo uma construção social e cultural, de maneira imposta pela sociedade, a mulher se destaca com sua capacidade de conseguir fazer varias coisas ao mesmo tempo, como conciliar, casa, trabalho e filhos na maioria das vezes. Embora as múltiplas tarefas sejam algo natural, que as mulheres fazem com facilidade, e o corpo da mulher apesar

de aparentar ser frágil, seja capaz de suportar coisas que o corpo do homem nem sempre conseguiria.

Beauvoir (1970) afirma que o corpo feminino deve ser a situação e o instrumento da liberdade da mulher, e não uma essência definidora e limitadora. A visão referente à teoria de corporificação, que é uma das análises de Beauvoir (1970, p. 78), faz críticas cartesianas em relação a liberdade e o corpo da mulher. Isto é, “[...] como uma materialidade intencionalmente organizada, o corpo é sempre uma corporificação de possibilidades tanto condicionadas quanto circunscritas por convenções históricas”. Em outras palavras o corpo pode ser compreendido como “[...] uma situação histórica [...] é uma maneira de fazer, dramatizar e reproduzir uma situação histórica”. Fazendo uma comparação com tempos de outrora é possível verificar que hoje as mulheres usam roupas justas, cabelos curtos, salto alto dentre outros artefatos feminino. Outrossim, já conseguiram conquistar um dos mais altos postos políticos: a Presidência da República.

Entretanto, dados se demonstram alarmantes no que se refere à desigualdade de gênero. Com base em dados disponíveis pelo IBGE (2016), é perceptível, ao observar a Figura 1, abaixo que, embora a diferença entre os rendimentos de homens e mulheres tenham diminuído entre os anos de 2012 e 2016, as mulheres ainda recebiam cerca de 76,5% dos rendimentos dos homens. Esta diferenciação pode ser explicada por diversos fatores, como por exemplo, somente 39,1% dos cargos gerenciais serem ocupados por mulheres neste período. Essa desigualdade aumenta conforme a faixa etária, indo de 43,1% de mulheres em cargos de chefia no grupo de até 29 anos de idade até 31,8% no grupo de 60 anos ou mais.

**Figura 1** - Rendimento habitual médio mensal de todos os trabalhos e razão de rendimentos, por sexo.



Fonte: IBGE, PNAD, 2012-2016.

É importante ressaltar neste contexto que a maternidade se encaixa em um dos maiores preconceitos na questão gênero. Um estudo feito pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) entre o ano de 2009 e 2012, mostrou que mais da metade das mulheres empregadas que estavam participando da pesquisa, foram demitidas no máximo dois anos após serem mães. Este fato evidencia notavelmente uma diferença de concepção entre a utilidade da mulher e do homem no mercado de trabalho, materializado, portanto, por uma desigualdade de gênero manifesta em nossa sociedade. Importa, assim, evidenciar a relação da maternidade e desigualdade de gênero no contexto deste trabalho, qual seja: maternidade, gênero e os efeitos sobre a dinâmica de estudar em uma universidade.

## 5. MÃES UNIVERSITÁRIAS E AS DIFICULDADES EM SE FORMAR

Durkheim (2007), nos leva a refletir sobre o determinismo social relativo à mulher. Sobre ser mãe: isso não seria uma forma de coerção que a sociedade exerce sobre as mulheres que por muitas décadas foram submissas a uma sociedade compostas por preconceitos? Hoje o empoderamento feminino deixa bem claro seu espaço adquirido através de muitas lutas ao longo dos tempos, visto que, ser mãe em meados do século XXI, diz respeito a uma mulher mais moderna, que trabalha fora de casa, que estuda e precisa se desdobrar ainda mais para atender todos os âmbitos de sua vida.

Para Chodorow (2002), ser mãe não pode ser limitado apenas ao fato de parir um filho, ao papel de cuidar, educar e dar suporte ao desenvolvimento de uma cria. Ou seja, é preciso ir além, compreender que a mulher não é apenas uma máquina para procriação. Possuem cuidados e obrigações dobradas ao se dedicarem ao lar, muito mais do que os homens. Dessa forma, importa destacar que historicamente sempre houve uma divisão social do trabalho na casa, materializada por uma dedicação maior por parte das mães. Mulheres que trabalham fora de casa para ajudar no sustento da família constantemente precisam praticar dupla (às vezes tripla) jornada de trabalho com muito mais frequência do que os homens.

A licença-maternidade, por exemplo, impõe questões bastante específicas ao ambiente de trabalho e coloca a mulher em um parâmetro de desigualdade com os homens. De acordo com uma pesquisa realizada pela FGV, entre os anos 2009 e 2012, 48% das mulheres são demitidas após a licença-maternidade, sendo que as demissões ocorreram até 12 meses após o nascimento do bebê (MARIE CLAIRE, 2019).

No que se refere ao ambiente universitário a licença-maternidade também traz complicações. O primeiro fator que deve ser levado em consideração é quando as mulheres precisam retornar de uma licença maternidade. Este processo leva a uma perda parcial do vínculo da amamentação entre mãe e filho, tendo em vista que existem regras nos espaços de convivência que não irão permitir ou comportar a presença de um bebê nas universidades, dificultando seu regresso.

Logo, este distanciamento entre a mãe e o bebê dado a necessidade da manutenção ou a reinserção no mercado de trabalho, no convívio social e no ambiente acadêmico produz uma aguçada angústia materna. Segundo Jerusalinsky (2009), após o término da licença maternidade as mulheres possuem dificuldades para adquirir estabilidade nos mais diversos aspectos de sua vida, ora pelo medo de submeter a criança à ausência excessiva da figura maternal, ora, por não possuir controle de circunstâncias externas a sua vida (por exemplo: ser demitida pelo patrão).

Já para as mulheres universitárias que possuem condições (o que é menos comum, diga-se de passagem) de deixar o filho com alguém ainda sim se veem em uma situação angustiante e dolorosa, pois nos primeiros meses, ao final da licença, precisa-se romper o vínculo supracitado. Sem contar outras questões relacionadas ao apego emocional, podendo inclusive ter uma situação mais agravante, onde na pior das hipóteses (e a mais comum), estas mães não possuem apoio de familiares pós licença-maternidade.

Muitos pensam que a maternidade é um processo

fácil, no entanto, há complicações desse momento vivido pelas mães que são, inclusive, refletidas em seu corpo e estado emocional. Pode-se afirmar que a maternidade não é um processo agradável e natural para muitas mulheres, tal como corroborado pela sociedade. Passam noites em claro, sentem dores, dificuldades em amamentar, seu corpo muda, passando por alterações físicas no período puerpério<sup>2</sup>. É válido ressaltar que a naturalização da maternidade pode afetar até mesmo as mulheres que são casadas, tiveram o filho na idade planejada e que possuem estabilidade financeira, pois as dificuldades da maternidade é um processo que todas as mulheres que optaram por ser mãe irão enfrentar (GRISCI, 1995).

Steves (2007) pontua uma mudança significativamente relacionada à maternidade:

Por muito tempo a maternidade foi considerada uma experiência puramente biológica, fixada literal e simbolicamente nos limites do domínio privado e emocional. Hoje, debatemos a função e o status da maternidade no espaço público, e sua complexidade aumenta à medida que o sentido de maternidade se diversifica, uma vez que à mãe tradicional [esta que falávamos a pouco] vem juntar-se a mãe adotiva, a mãe lésbica, o homossexual que materna, a mãe de aluguel, a mãe adolescente, a mãe solteira, a mãe prisioneira, a mãe pobre, a mãe negra, a mãe genética, etc.(STEVES, 2007, p. 18).

Entre as diversas teorias de como surgiu a maternidade, autores trazem de forma clara e coerente que a maternidade é um vínculo, que inicia mesmo antes da mulher engravidar. A maternidade para Piccinini *et al.* (2008) inicia muito antes do processo de gerar a criança no ventre. Começa a partir das primeiras relações e identificações da mulher ‘como mulher,’ pois, o instinto materno, já tem influência de uma pressão colocada pela sociedade. Esta relação impõe, portanto, um conjunto de elementos que são apropriados pela mulher, mesmo antes da concepção da criança.

Utilizando-se do conceito de maternação, Chodorow (2002), propõe que existe uma naturalização da maternidade, colocada como prioridade na vida da mulher em relação ao trabalho fora de casa e aos estudos. Em outras palavras: “A maternação seria o ato de gerar e se dedicar ao criar os próprios filhos, fazendo isso com exclusividade, como fato central e único da vida das mulheres, como se nada mais existisse de importante” (LOPES, 2014, p. 237). Esta provável habilidade natural para o exercício da maternidade traz outra questão à tona, negligenciada pela literatura, conforme salienta Steves (2007):

Todos nós temos mães, e como mulheres, temos o potencial para sermos mães; mas a maternidade uma experiência que tem sido deformada, evitada, idealizada, degradada [...] Precisamos entender como a cultura define e valora os papéis como o do guerreiro e da mãe; por que se construiu esta aura de glamour dos heróis enquanto a imagem da mãe é negligenciada distorcida (STEVES, 2007, p. 17).

---

<sup>2</sup> Também chamado de resguardo ou quarentena é o período de 42 dias a oito semanas após o parto que demora para que o corpo da mulher retorne à forma anterior à gestação mulher tensões, o cansaço e as pressões psicológicos é algo que não pode ser comparado (MINHA VIDA, s/d).

Assim sendo, no século XX, além das lutas pela igualdade de gênero, os estudos feministas têm se aprofundado na questão da maternidade visando considerar a perspectiva da mulher e a realidade na qual está inserida, mesmo que algumas vezes de forma idealizada na díade mulher-mãe. Entretanto, podemos perceber avanços nos quais a mulher hoje tem cada vez maior poder de escolha. De acordo com Guimaraes (2010) a maternidade e o papel da mulher na sociedade – em suas dificuldades e suas conquistas – tem sido uma dimensão de grande importância nos estudos científicos das mais diversas áreas.

## 6. REPRESENTAÇÕES DAS MÃES-UNIVERSITÁRIAS DOS CURSOS DE GESTÃO DA UFT

As representações abrangidas durante as entrevistas com as alunas-mães colocaram questões bastante importantes e que coadunam veementemente com a revisão teórica realizada. Evocaram temas como as “adversidades e dificuldades de ser mãe-universitária”, “a representação da figura paterna” (dividindo aquelas que têm a presença do pai e as que não têm), o “medo e o preconceito” vivenciado dentro do ambiente universitário, a “dependência financeira”, o “apoio/ausência familiar”, entre outras.

A representação acerca de ser mãe e universitária, ao mesmo tempo, está ligada, sobretudo, às adversidades e dificuldades de conciliar os dois papéis. O dia-a-dia conturbado e os entraves de conciliar as atividades domésticas estiveram presentes em várias falas, tais como exemplificado abaixo:

**Respondente 1:** [...] muitas mães, não conseguem conciliar ou pais também, tem mais dificuldades pra conciliar o cuidado com a criança com o esforço e a responsabilidade da faculdade.

**Respondente 6:** [...] eu tenho todos os afazeres doméstico e ainda arrumo a (filha) do meio pra ir pra escola e um pouco da noite pra fazer os trabalhos da faculdade. Se você não sabe o que quer, você não consegue, é bem difícil.

**Respondente 8:** É uma batalha porque é difícil, por a gente que é mãe né, sempre tem um obstáculo, por causa das crianças que é pequena, fica aquela divisão que a gente não sabe se resolve cuidar da criança ou faz os trabalhos da universidade, foi por isso que... com essa dificuldade achei melhor trancar.

Assim, é possível perceber pelas falas expostas acima uma rotina agitada, cheia de compromissos, sendo imprescindível o ajuste com os cuidados da casa, com a família e o desempenho acadêmico, principalmente. A esse respeito Araújo e Velga (2015) destacam:

[...] aspectos limitadores que operam no sentido do termo “conciliação” e de sua relação com a percepção de “satisfação” com a vida na sua dinâmica cotidiana. [...] Com efeito depreende-se que há, subjacente, uma ideia de compatibilização dos dois papéis, e não de ruptura com os padrões atuais, de reconfiguração das dinâmicas e dos envolvimento dos atores (ARAÚJO;VELGA, 2015, p. 186).

Na pesquisa observou-se também um desequilíbrio familiar enfrentado pela mãe-estudante - em relação ao papel assumido pelo pai -, pois a mesma necessita conciliar todas as suas tarefas diárias na tentativa de concluir com êxito suas inúmeras obrigações ao final do dia. Isto incide certa limitação em comparação à figura paterna, que dispõem de menos ocupações. Ressalta-se que na metade dos casos apresentados o pai é completamente ausente, recaindo sobre a mãe todos os zelos para com a criança.

Diante disto, 4 das entrevistadas relataram o distanciamento do pai com pelo menos 1 dos filho. Por outro lado, as outras 4 confirmam a presença paterna na vida das crianças, porém os progenitores não colaboram nos afazeres domésticos, a não ser financeiramente, tal como relatado por algumas entrevistadas:



**Respondente 2:** O pai de um é presente sim, muito, e ajuda de todas as maneiras que ele pode. O outro humhum ele ajudava, mas faz uns meses já que ele não ajuda em nada, nem financeira nem presente e nem mora aqui também. Agora o que mora aqui sim ajuda e é presente na vida dela. Eu sinto falta da ajudar para além da financeira, eles sentem falta da presença dele.

**Respondente 6:** Ah (risos), o pai da primeira e do segundo não são presentes, até porque eles moram em cidade diferente, agora o pai do mais novo, sim. Ele é bem presente, eles não ajudam na questão de ficar com as crianças. E financeira o pai da mais velha uma vez na vida. E o pai do menino sim, esse ajuda, não muito, mas acaba ajudando.

Vale refletir que tanto a figura paterna quanto a materna dispõe do mesmo valor emocional para um filho, sendo indispensável a presença dos dois para o desenvolvimento saudável da criança. Desta forma, a ausência do pai no decorrer das fases de vida de uma pessoa podem desencadear inúmeros comportamentos na criança, assim como explana Corneau (1991).

Os filhos que não receberam “paternagem” adequada enfrentam com frequência os seguintes problemas: na adolescência ficam confusos em relação à sua identidade sexual e é comum apresentarem uma feminização do comportamento; falta-lhes amor próprio; reprimem sua agressividade e, pelo mesmo fato, sua necessidade de afirmação, sua ambição e sua curiosidade exploratória. Alguns podem sofrer bloqueios no que diz respeito à sexualidade. Eles podem também ter problemas de aprendizagem. Eles frequentemente têm dificuldades de assumir valores morais, a tomar responsabilidades e a desenvolver um sentido do dever e das suas obrigações com os outros. A ausência de limites se manifestará tanto na dificuldade em exercer uma autoridade como em ter de respeitá-la; finalmente, a falta de estrutura interna levará a uma certa apatia, uma ausência de rigor e, em geral, complicações na organização da própria vida. Além disso, as pesquisas demonstram que eles estão mais inclinados à homossexualidade que os filhos que tiveram pais presentes. Eles são também mais propensos a desenvolver problemas psicológicos: no pior dos casos, será a delinquência, a droga e o alcoolismo, tudo que nutre uma revolta sem fim contra a sociedade patriarcal, revolta que volta a atribuir ao pai faltoso a imagem da sua falta (CORNEAU, 1991, p. 21).

Outro ponto abordado pelas entrevistadas foi o medo e preconceito vivenciado na universidade, conforme menciona Manson e Goulden (2002) e Aquino (2006, p.146 apud URPIA e SAMPAIO, 2011):

A experiência da parentalidade (tornar-se pai ou mãe), no contexto das universidades, a chegada de um (a) filho (a) na vida de mulheres que fazem carreira no contexto acadêmico traz uma série de dificuldades, especialmente aquelas relacionadas ao preconceito de gênero e ao processo de conciliação entre maternidade e vida acadêmica, o que já não ocorre entre os homens, que tendem a ascender mais rapidamente, quando “casados e com filhos”.

Desta forma, algumas relatam terem sofrido certo preconceito pelos colegas e também por professores, pois se sentiram excluídas em determinados momentos durante o período acadêmico. Das 8 entrevistadas, 5 relataram casos de comentários ou olhares inoportunos de outros colegas. A sociedade impõe modelos que aflige e frustra a grande maioria das mulheres, principalmente quando se trata da maternidade. Assim, uma

gravidez não planejada, não deveria ser motivo de constrangimentos, tanto na sala de aula, local que muitas mulheres/mães procuram por melhoria de conhecimento e de vida, como em qualquer outro ambiente que uma mãe frequente. Adiante, observam-se os relatos das mães-universitárias ao responderem se sofreram ou presenciaram algum preconceito no campus:

**Respondente 2:** Eu acho que uma vez sim, por que tinha uma viagem, e eu fiquei sabendo que uma pessoa que falou por mim dizendo que eu não iria, por que eu tinha filhos e nem chegaram a me chamar. Foi essa vez que eu registrei assim como um preconceito.

**Respondente 5:** Por professor já, quando eu tava grávida, ficava me perguntando quem era o pai. Questionando “nossa que vacilo”, se eu iria casar, como eu tive coragem de engravidar no meio da faculdade, essas coisas. Pois eu acho que professor não tem que ter essa intimidade de ficar se metendo na vida gente.

**Respondente 6:** Na verdade não foram nem falas. A gente percebe pelo olhar das pessoas. Você tá com seu filho na sala e se seu filho faz alguma coisa. Lógico e criança. né (...) você percebe que as pessoas olham pra você de forma repreensiva, é complicado. Muitas vezes a gente leva, não é porque quer levar. É porque precisa. Ninguém vai levar uma criança pra sala de aula por querer, e sim por necessidade.

**Respondente 7:** Assim me senti excluída, porque eu não podia ir pras viagens. Por conta do neném, eu não era nem convidada por mais que eu não iria leva né.

Pode-se afirmar que as mulheres desde muito tempo, viveram sobre o domínio do homem. Primeiro sob o domínio do pai e posteriormente sob o do marido. Nesse sentido, tendo em vista o prisma da dominação, destaca-se a dependência financeira, isto é, quando a mulher é financeiramente dependente de alguém (geralmente o conjugue) ou de algo, não podendo tomar decisões sozinhas, tendo sempre que levar em consideração as opiniões/restrições de sua fonte financeira, já que depende dela. Com efeito, muitas mulheres param de trabalhar e de estudar, para cuidar da casa, dos filhos e do marido.

Sem uma renda própria, são vítimas da dependência financeira. Não conseguem comprar nada sem o consentimento do marido. De acordo com as entrevistadas, apenas 1 está trabalhando atualmente. Já as outras 7 dependem do parceiro ou de ajuda dos familiares em tudo. Perguntadas sobre o reflexo da dependência financeira sobre o desempenho acadêmico deixaram claro que “sim”, “afeta bastante”, no desenvolvimento da mãe/estudante para sua manutenção e empenho na universidade.

**Respondente 2:** [...] atualmente não, faz um mês que eu não tô empregada, um mês não, dois. Minha mãe me ajuda e a avó da minha filha com o financeiro e eu tenho uma autonomia com vendas só [...].

**Respondente 4:** não [...] eu fiquei um pouquinho preocupada porque eu estava desempregada né, é ruim só uma renda, apesar do meu marido não ganhar mal. Mas é bom ter o dinheiro da gente [...].

**Respondente 7:** sim, eu venho trabalhar e volto pra almoçar, fazer almoço pra almoçar [...].

Já na representação sobre o apoio/ausência familiar, somente 2 mães/estudantes mencionam que não recebem nenhuma ajuda da família no que concerne aos cuidados criança. Uma delas devido não residir na mesma cidade dos seus familiares, embora tenha o ponto positivo de morar com o marido. E a outra pela distância das residências e dificuldades de locomoção, inclusive, isto, ocasionou o trancamento do curso. Contudo, as demais mães-universitárias relataram terem o apoio bem participativo em relação à família, tal como exemplificado abaixo:

**Respondente 2:** Minha mãe me ajuda. Minha mãe me ajudou mais financeiramente, em relação a ficar com o neném não. Foi uma amiga minha que pôde. A gente revezava, a gente ficava metade da aula com o neném e a outra metade era eu. E foi indo depois ela saiu da UFT, e a avó paterna passou a ajudar. Eu tive outro filho, tenho dois, e essa avó paterna que me ajuda muito, todas as vezes. E depois que ela surgiu na minha vida ela sempre pôde ficar com a neném pra mim estudar, melhorou bastante.

**Respondente 3:** Todos me ajuda, de fato quem fica com minha filha é minha irmã.

**Respondente 6:** Tenho ajuda de uma colega que fica com as crianças, é uma amizade mesmo por que eu não tenho dinheiro pra pagar.

Sentir-se aceito pelas escolhas ou desejos aferido a sua vida é uma necessidade do ser humano, porém quando não há afeto na relação familiar é possível que o indivíduo sinta-se solitário e abandonado. Neste sentido, o amparo familiar durante a gravidez e essencialmente nos cuidados da criança já nascida compreende um fator relevante para a constância na graduação, já que sem nenhum suporte, se torna mais penoso e quem sabe até improvável que uma mãe consiga permanecer na universidade e concluir regularmente um curso de nível superior.

No que se refere à representação sobre a assistência universitária, as entrevistadas destacaram a falta de auxílio e de assistência social voltado às mães-estudantes, por parte da Universidade. Algumas até afirmaram que receberam algum tipo de benefício que foi importante durante a trajetória na Universidade, no entanto, deixam claro que tal contribuição não seria especificamente para as mães-universitárias, como assim demonstrada nos comentários:

**Respondente 2:** Eu recebi bolsa auxílio, mas não recebi nenhum outro tipo de ajuda pela universidade, negativo, pois ajudaria se estivesse alguma coisa voltada as mães, até uma creche mesmo lá dentro já ajudaria, colocando alunos bolsistas pra tá ajudando tipo assim eu acho [...].

**Respondente 5:** Não tenho ajuda alguma, seria bom se estivesse.

**Respondente 6:** Recebi bolsas por um tempo, mas em relação a criança, nenhuma. A universidade é bem falha nesse aspecto eu acho [...].

**Respondente 8:** Não! Eu até tentei entrar naquela bolsa permanente, mas eu não consegui, só dava indeferido, não fornecia nada disso [...].

No desenrolar das entrevistas as 8 mães/estudantes sugeriram, ainda, a criação de um espaço para que pudessem deixar as crianças durante as aulas. Com isto, as

crianças não atrapalhariam os encontros nas salas. Além disso, esclareceram que tal ideia até já tinha sido discutido no campus, resultando em um abaixo-assinado, todavia, na prática, a ação não surtiu efeito. Em verdade, para elas, faltou uma maior cobrança por parte do público necessitado e, por outro lado, maior atenção por parte da Universidade, como demonstrando nas falas abaixo:

**Respondente 3:** A sugestão seria o que já tentaram, mas é muito difícil, né... que era, como é que fala? Uma sala pedagógica e não dá certo por falta de incentivo e como, ainda não é algo certo, acho que se as mães se reunisse com mais força, e não só tentar fazer abaixo-assinado, pra tentar levar pro reitor pra vê se consegue. Seria ficar muito um ciclo vicioso, eu acho que teria que ter um movimento maior. Se a gente tivesse esse movimento, essa união, essa força, porque nós mães, quando quer é uma coisa que é indescritível. O problema é que, um espera pelo outro. Vai, vai, vai e fica por ficar.

**Respondente 4:** Seria bom se tivesse um espaço aqui, né? Um berçário e tal, porque tem professor que às vezes se importa, por atrapalhar a aula, Eu não passei por isso, já vi, ouvi muitos casos, não só do nosso curso, mas de outros.

**Respondente 8:** Eu acredito como mãe, tipo, se eles criassem um ambiente assim, tipo uma creche pra pôr a criança lá quando as mães tivessem estudando acho que seria bem relevante. Com certeza eu acredito que se tivesse esse ambiente, assim que eu comecei, eles teve até essa ideia, teve um abaixo-assinado, com umas pessoas que tava interessada nisso, mas nunca saiu do papel. Eu acredito, porque é muitas vezes falando, acho que faltou mais voz não somente das mães, mas com certeza que tem pai que estuda e não tem com quem deixar, pois a mãe tá trabalhando.

Por fim, diversos apontamentos foram feitos pelas entrevistadas quanto aos desafios de serem mães e estudantes universitárias ao mesmo tempo. Tais obstáculos por alguns momentos impediram o desenvolvimento regular do curso, levando, inclusive, uma das alunas a desistir de concluir a graduação e outras tiveram de interromper o curso em algum momento devido a gravidez inesperada.

**Respondente 4:** Menina já era pra mim ter terminado, tô eu acho no décimo período (risos). Porque eu peguei duas greves ou foi três... depois fiquei doente, agora tive que voltar, mim deram um prazo de um ano pra mim terminar. Pensei em desistir várias vezes, tranquei várias vezes também. Eu gostava muito do curso no começo, mas agora tô me desmotivando. É que tá tudo muito bagunçado aqui, mas em relação a filho, como não trouxe a primeira, mas agora tô grávida de novo vamos vê o que vai dar até eu terminar, né.

Muitas outras colocações foram tratadas pelas entrevistadas, porém, as expostas neste trabalho, estabelecem uma unidade quanto às representações de um grupo que trazem consigo uma trajetória bastante homogeneia, que coaduna, inclusive, com outros estudos realizados no Brasil. A representação das mães-universitárias reflete a sociedade paternalista no qual estamos inseridos, apesar dos avanços conquistados.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões aqui levantadas analisaram os elementos e as teses fundamentais com as quais Sérgio Moscovici e Denise Jodelet constroem uma concepção sobre as representações sociais. Desde o início, este trabalho de pesquisa teve como foco as estudantes que se tornaram mães no decorrer do curso; como se deu a percepção e os significados construídos por elas; e como se deu os aspectos inerentes à questão da assistência social por parte da Universidade. Em outras palavras, quais foram as dificuldades e preconceitos enfrentados por elas.

Portanto, a pesquisa trouxe como tema central as representações sociais acerca dos desafios enfrentados pelas mães-universitárias dos cursos de gestão da UFT. Como fator predominante, as entrevistadas demonstraram uma constante insatisfação pela falta de apoio da Universidade em relação às crianças em sala de aula. Fica, porém, uma pergunta: até que ponto a Universidade é responsável pelas reponsabilidades que, a priori, deveriam ser dos familiares e conjugues?

Diante disso a pesquisa teve como objetivo geral, analisar os desafios enfrentados por mães-estudantes, identificar quais foram as contribuições oferecidas pela universidade e analisar os preconceitos enfrentados. Ressalta-se que o objetivo geral foi atingido ao observar e analisar a longa jornada que mães-estudantes enfrentam todos os dias na universidade, no trabalho, nos serviços domésticos, ou seja, no “ser mãe”. Constituindo, no dia a dia não apenas uma dupla jornada trabalho, mas, às vezes, uma jornada tripla de afazeres.

Além disso, pretendeu-se atingir três objetivos específicos: o primeiro foi analisar as representações sociais, significados e concepções. Assim, o estudo trouxe uma possibilidade de analisar o comportamento humano e suas respectivas analogias do ser coletivo; o segundo objetivo específico consistiu em verificar a desigualdade de gênero e os desafios das mulheres no contexto contemporâneo. Verificou-se, nesse sentido, a força de vontade e persistência das mulheres em um mundo em constante mudança, suas lutas por igualdades e as conquistas que foram alcançadas. Embora ainda existam muitos desafios a serem superados, muito já se conquistou. O terceiro objetivo específico se concentrou em avaliar as dificuldades enfrentadas pelas mães-estudantes, que evidenciou um conjunto de limitações e de como a sociedade é eminentemente preconceituosa. Esse objetivo também explanou algumas especificidades da Licença Maternidade.

É sabido que à mulher, no território brasileiro, é assegurado o direito à Licença Maternidade. No caso das estudantes da UFT a gestante tem direito a licença de cento e vinte dias corridos, a contar do último mês de gestação. A universidade tem o regime de amparar essas mães sob a Lei de Exercício Domiciliar (nº 1044-69). O regime garante a obrigação dos professores de atribuir atividades e exercícios às gestantes para serem feitos em casa, durante o período de afastamento.

Outro elemento que poderia diminuir as adversidades causadas pelo papel da mãe-universitária seria a criação de um ambiente físico dentro da UFT, como uma creche e um espaço infantil, tal como afirmaram todas as entrevistadas. Dessa forma,

fazendo com que as estudantes se sentissem mais seguras no ambiente universitário, tanto no que se refere à possibilidade de prestar mais atenção em sala de aula, quanto na tranquilidade e certeza de que seus filhos estariam bem. Todavia, é preciso levar em consideração a crise financeiro-ideológica que assola as universidades públicas de todo o país, resultando em cortes catastróficos e no contingenciamento de verbas para educação.

Algumas dificuldades surgiram ao longo do trabalho, como a dificuldade de fazer as entrevistas devido à correria do dia a dia das entrevistadas, com suas jornadas apertadas (estudo, maternidade e trabalho doméstico/emprego). Cada uma possuía uma rotina diferente, sendo necessário o ajuste do cronograma da pesquisa para que desse certo. Importa ressaltar que esta pesquisa não teve por intenção discutir a atual conjuntura dos cursos, nem a qualidade e nem o suporte dado pelos mesmos, embora tenha aparecido em algumas falas questões referente a isto.

Finalmente, salientamos que esta pesquisa teve algumas limitações, apesar de se fazer cumprir com os objetivos propostos. A pesquisa de cunho qualitativo traz especificidades quanto aos significados e construção de mundo na perspectiva dessas mães-universitárias, contudo foi orientada para uma realidade local. Sugere-se, portanto, que novas pesquisas sejam realizadas sobre o tema, coletando informações de outras universidades do país. No que se refere ao estado das políticas públicas atuais também seria interessante pesquisas aprofundadas, sobretudo, fazendo uma relação estatística do número e as causas da evasão das mulheres no ensino superior.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDRE, Marcos. **Representações Sociais**: uma genealogia do conceito. Revista Comum, Rio de Janeiro, v.10, 23, 2004.

ARAUJO, Clara. VEIGA, Alinne. Domesticidade, trabalho e satisfação pessoal: horas no trabalho doméstico e bem-estar no estado do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Rio de Janeiro, n.18, pp.179-209, 2015.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Copyright by librairier garlimard, Paris, 1970. Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1970.

BLAY, Eva Alterman. 8 de março: conquistas e controvérsias. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, pp. 604-605, 2001.

BENHABID, Seyla; CORNELL, Druscilla. **Feminismo como crítica da modernidade**. Tradução: Nathanael da Costa Ceixeiro. Editora Rosa dos Tempos, Rio de Janeiro, 1991.

BONI, Valdete; QURESMA, Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, Vol. 2, nº 1 (3), janeiro-julho/, p. 68-80, 2005.

BRASIL ESCOLA. **08 de Março - Dia Internacional da Mulher**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/datas-comemorativas/dia-da-mulher.htm>>. Acesso em 03 Set. 2019.

BUTLER, Judith. **Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista**. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. Caderno de leituras n. 78. Disponível em: <[https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2018/06/caderno\\_de\\_leituras\\_n.78-final.pdf](https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2018/06/caderno_de_leituras_n.78-final.pdf)>. Acesso em 10 Set. 2019.

CABRAL, Francisco; DÍAZ, Margarita. Relações de gênero. In: SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE BELO HORIZONTE; FUNDAÇÃO ODEBRECHT. **Cadernos afetividade e sexualidade na educação: um novo olhar**. Belo Horizonte: Gráfica e Editora Rona Ltda, 1998.

CORNEAU, Guy. **Pai ausente, filho carente**. Editora Manole, 2015.

DEUS, Lara. **Puerpério: o que é e quanto tempo dura o resguardo**. Disponível em: <<https://www.minhavidacom.br/familia/tudo-sobre/34143-puerperio>> . Acesso em: <05 Set. 2019.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. **Gênero**. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/genero/>>. Acesso em: 10 Set. 2019.

GIL, Carlos Antonio. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4ª edição. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

GRISCI, L. Ligia Carmem. **Mulher – mãe**. Psicologia Ciência e profissão, vol.15 n.1-3, Brasília, 1995.

GUIA BOLSO. **Por que eu devo evitar a dependência financeira**. Disponível em: <<https://blog.guiabolso.com.br/2014/03/24/por-que-evitar-dependencia-financeira/>> Acesso em: 12 Out. 2019.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estatísticas de gênero: responsabilidade por afazeres afeta inserção das mulheres no mercado de trabalho**. Estatísticas Sociais, 2018. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/20232-estatisticas-de-genero-responsabilidade-por-afazeres-afeta-insercao-das-mulheres-no-mercado-de-trabalho>>. Acesso em: 24 ago. 2019.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Mais de 25 milhões de jovens não estudavam em 2017: PNAD Contínua 2017**. Estatísticas Sociais, 2018. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias.html?editoria=sociais>>. Acesso em: 24 ago. 2019.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Mulher estuda mais, trabalha mais e ganha menos do que o homem**. Estatísticas Sociais, 2018. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20234-mulher-estuda-mais-trabalha-mais-e-ganha-menos-do-que-o-homem>>. Acesso em: 24 ago. 2019.

JERUSALINSKY, Julieta. **A criação da criança: letra e gozo nos primórdios do psiquismo**. 2009. 272 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15847>>. Acesso em: 25 ago. 2019.

LUFT, Lya. **Múltipla Escolha**. Record, 2010.

MARIE CLAIRE. **48% das mulheres são demitidas após licença-maternidade**. Disponível em: <<https://revistamarieclaire.globo.com/Mulheres-do-Mundo/noticia/2017/09/50-das-mulheres-sao-demitidas-apos-licenca-maternidade.html>>. Acesso em: 12 Set. 2019.

MORAES, De Eneida. **Sobre Mulher e Gênero**. GEPEM - Grupo de Estudos e Pesquisas. Universidade Federal do Pará; IFCH - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2019.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. ONU MULHERES. Disponível em: <[http://www.onumulheres.org.br/noticias/leimaria-da-penha-13-anos-direito-de-viver-sem-violencia-artigo-da-diretora-regional-da-onu-mulheres-para-america-e-caribe](http://www.onumulheres.org.br/noticias/leimaria-da-penha-13-anos-direito-de-viver-sem-violencia-artigo-da-diretora-regional-da-onu-mulheres-para-america-e-caribe/)>. Acesso em: 05 Set. 2019.

SÊGA, Rafael Augustus. O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici. **Anos 90**: Revista do programa de pós-graduação em história da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, v. 8, n. 13, p.128-133, jul. 2000. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/6719>>. Acesso em: 13 ago. 2019.



URPIA, Ana Maria de Oliveira; SAMPAIO, Sonia Maria Rocha. **Mães universitárias transitando para a vida adulta**. Salvador: EDUFBA, 2011.

VIANA. A. M. D. N CATHERINE. **Educação e maternidade: minha experiência como estudante-mãe no curso de pedagogia da universidade de Brasília**. Brasília: Universidade de Brasília – UNB, Faculdade de Educação, 2016.